

HISTÓRIA ORAL DE VIDA: UM CAMINHO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS

Aliny Dayany Pranto ¹
Jocasta Luana Saldanha de Andrade ²

RESUMO

Revivendo e transmitindo lembranças, que os professores(as) tecem sua história, o fio do narrador, expõe muitas camadas que ultrapassam o perfil profissional de professor, perpassa a família, infância, escola, maridos, filhos e tantos outros elementos que contribuem, de forma direta ou não, para sua caminhada até a docência. Nas falas, silêncios e risos que muitas das narrativas dos professores(as) refletem seus anseios, medos e possíveis causas da sua escolha profissional e métodos aplicados em sala. Nesse contexto, o objetivo desse artigo é apresentar como os trabalhos de história oral de vida de professores(as) vêm contribuindo, através da oralidade e do reviver de memórias, para a formação de professores(as). As narrativas da história oral de vida de professores(as), são oriundas do Projeto Caminhos do Ensino de História no RN- o saber e fazer história (1970-2000) e do trabalho de conclusão de curso “A mulher na sala de aula: narrativas docentes e o ser professora da educação infantil”, realizados nos períodos de 2020 a 2024. No ouvir e transcrever as narrativas docentes, identificamos durante a narrativa e pós narrativas, diferentes momentos formativos que ocorrem, para o narrador que ao rememorar, realiza reflexões sobre suas escolhas, sob o pesquisador que de certa forma é impactado sobre as lembranças, podendo ou não se aproximar de suas experiências e no compartilhar com a sociedade os dados de pesquisa. Para isso, apresentamos no trabalho um recorte das narrativas dos professores(as) realizadas nas pesquisas citadas acima, dialogando com os autores centrais na discussão de história oral e memória Meihy, Nóvoa, Portelli e Pranto. Essa pesquisa inicialmente, colabora com a formação de educadores, através das narrativas de outros professores(as), além de contribuir para estudiosos do campo da pesquisa em História Oral, evidenciando as nuances e possibilidades no fazer a História oral com educadores.

Palavras-chave: História oral, Formação docente, Vida de professores.

¹ Doutora em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, alinydayany@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, jocastaluana@gmail.com;

INTRODUÇÃO

É no ouvir histórias que descobrimos, que muitos dos nossos mestres, professores(as), foram inspirados por tantos outros docentes, como uma rede que conecta mas principalmente, inspira o outro enquanto aluno(a), foi assim, enquanto ainda aluna de pedagogia da professora Aliny Pranto no curso Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2021, no formato remoto, que aceitei o convite para participar do Projeto Caminhos do Ensino de História no RN- o saber e fazer história (1970-2000) e posteriormente como minha orientadora no meu artigo de conclusão de curso intitulado “A mulher na sala de aula: narrativas docentes e o ser professora da educação infantil”, que os caminhos da docência e pesquisa, aluna e orientadora se cruzaram. Através, desses dois momentos importantes na minha vida privada e acadêmica, que conhece a história oral como metodologia de pesquisa e suas diversas possibilidades.

A arte de ouvir, algo de uma sensibilidade e ousamos dizer, um ato simples, que possivelmente para alguns tenha suas dificuldades na atualidade na pesquisa e na vida. A simplicidade de parar, ouvir a trajetória de vida do outro, suas memórias, vivência e experiência daquele momento da história, a visão dos fatos aos olhos do outro. Enquanto, aluna de pedagogia meu interesse se conectou aos das professoras da educação infantil, mulheres em sua maioria que tem um papel central na educação básica brasileira, mas que diferente dos professores universitários ou do ensino médio, teriam uma visão social de menor prestígio, consideradas “tias”, “cuidadoras”, partindo dessas iniquitações que incie as pesquisas junto a minha orientadora, partindo da história oral de vida de três professoras da educação infantil. Além das professoras, que entrevistamos durante o Projeto Caminhos do Ensino de História do RN – o saber e fazer história (1970-2000), que tinha como objetivo entrevistar professores de história que atuaram no período de 1970 a 2000) mas durante as narrativas das professoras, principalmente, percebemos novos marcadores como a questão do gênero, econômico e familiar que interferiam seja na escolha pela docência, permanência ou continuidade na carreira. Realizamos junto ao grupo e no artigo, um total de 11 entrevistas narrativas com professores e professoras de história e da educação infantil. O acervo conta com registros de áudio, vídeo, transcrição literal, textualizações e transcrição. As entrevistas/narrativas foram realizadas em sua maioria no formato remoto, pois ainda estávamos no período da pandemia da COVID-19, e utilizamos a plataforma do *google meet*, onde já realizávamos a gravação automaticamente. No período de pós pandemia, voltamos ao formato presencial, com gravações nos locais escolhidos pelos professores(as), nas suas casas,

universidades ou nas escolas, todos os detalhes sempre acordados previamente com os narradores uso de imagem e voz, gravação, o que pode não ser usado depois do que foi dito, e transcrito, os narradores na história oral, em nossa base de pesquisa, são considerados coautores, não apenas dados, como em algumas metodologias existentes. Conforme Prato et. Al. (2023) comenta que a história oral envolve o papel protagonista dos educandos que expressam suas memórias oralmente, e do pesquisador um desenvolvimento de uma postura ética ao que é ouvido e narrador. A história oral não envolve apenas dados, ela é memória, vida em movimento.

METODOLOGIA

Nossa metodologia de pesquisa é a história oral, seguindo as ideias de Portelli onde a história oral é dialógica entre narrador e pesquisador. As narrativas foram realizadas com termos de consentimento imagem, vídeo e voz, e mesmo o narrador(a) sendo o fio condutor da sua história, nós enquanto pesquisadoras utilizamos um pequeno roteiro para nós guiar durante esse momento, saber o contexto histórico e o que perguntar também faz parte do processo do fazer da história oral, o pesquisador também tem um papel ativo nesse processo. Mas ressaltamos, que não é uma entrevista, nós apenas auxiliamos a guiar a história junto ao narrador(a). Questões como Quem é você? Como foi sua infância? Você faria algo diferente vendo sua trajetória hoje? Fizeram parte do roteiro que pode ou não ser utilizado durante narrativa.

A narrativa, é realizada pelos professores, é uma construção de lembranças e reviver de memórias da trajetória pessoal e profissional, foi essencial enquanto pesquisadoras e professoras, seguirmos essa linha de pensamento e compreensão de que não poderíamos separar o eu professor do pessoal, as escolhas se mostravam conectadas. Ao narrar sua história pessoal até sua formação educação e profissional, os educadores, nos onze relatos, realizam nos momentos da narrativas/gravações uma auto formação e reflexão sobre suas escolhas pessoais e profissionais, gerando considerações sobre a carreira do educador, especialmente ao que concerne a professora e seus múltiplos papéis (lar e profissional), e as múltiplas habilidades e desafios enfrentados em diferentes contextos sociais, econômicos e históricos, demonstrando como a história oral, o compartilhar ao narrar suas histórias, tem um potencialidade formativa de elevar a história dos educadores que experienciam diariamente a realidade profissional de ser professor e professora.

Dessa forma, buscamos apresentar algumas das narrativas desenvolvidas no projeto e no trabalho de conclusão do curso, através da história oral, com a narrativa dos professores e professoras, trazendo os dados encontrados em suas falas e reflexões, como as dificuldades de continuidade de formação, jornadas intensas de trabalhos, a questão do gênero na educação infantil, a influência e inspiração de outros professores na escolha pela profissão foram alguns dos marcadores que chamaram nossa atenção nesse início de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história oral possibilita desenvolver pesquisas através da narrativa oral com diversas temáticas de interesses do pesquisador, aqui temos o professor(a) como figura central da nossa pesquisa, professores(as) esses que marcaram e tecerem a história de toda uma geração no Rio Grande do Norte - RN. Professores(as) que possuem uma bagagem em sala de aula de histórias e vivências, de aprendizados de vida e profissionais que muitas vezes, ficam circulando apenas entre os muros da escola. Ao narrar, e as memórias e a história de vida pessoal e profissional dos professores(as) se tornam fontes acadêmicas, esses educadores, percebem no processo das narrativas/entrevistas, como suas memórias e experiências tem um potencial formativa e valor histórico na educação do RN. Acerca da história oral seguimos as ideias de Meihy e Barbosa que afirma que:

A história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; autorização para o uso de arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; BARBOSA, 2015, pág.15)

A história oral enquanto método de pesquisa, tem uma organização, elaboramos um projeto com objetivos, metodologias, número de entrevistas, autorizações de uso de imagem, vídeo e voz, e todos os movimentos que realizamos no transcorrer na pesquisa início, meio e fim é conversado e acordado com os professores(as) narradores, até mesmo se no final, do que foi gravado, eles não quiserem mais que seja público o que foi dito, não podemos mais usar, pois o narrador é um coautor da sua história nesse processo. Também compreendemos que, o processo narrativo da história de vida dos narradores professores(as), podem não caminhar na direção dos objetivos traçados pelos pesquisadores no início do projeto, pois os professores, durante a narração que tecem a história e não temos controle do que vai ser dito, não editamos falas, nem cortamos. Concordamos com Portelli quando ele diz que:

Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. (PORTELLI, 2016, pág. 10)

Como ocorreu nas narrativas com as professoras no Projeto Caminhos do Ensino de História, que tinha como objetivo inicial, ouvir professores de História que atuaram no Rio Grande do Norte no período de 1970-2000 que vivenciaram períodos como a ditadura militar e as mudanças no ensino de história, entretanto as mulheres entrevistadas em suas histórias apresentavam marcadores que se aproximavam, diferentes dos professores, a questão do gênero, a dificuldade aliar a carreira com os afazeres do lar, o desejo de qualificação como um mestrado, mas a pressão dos parceiros para priorizar a família era maior, e essas reflexões foram feitas por elas durante suas próprias falas, sem interferências das pesquisadoras, enquanto lembravam, faziam reflexões acerca dos porquês tiveram que parar a carreira, porque não seguiram o concurso que desejaram, e nessas respostas encontravam as causas. Segue abaixo, textualizações das narrativas de algumas professoras, com esses marcadores:

realmente gostaria de ter feito tudo, mais cursos mas o meu estilo de vida não permitiu, gostaria de ter estudado mais. Mas, ao mesmo tempo penso que se fosse acomodada poderia ter justificado o fato, de como muitas outras esposas de oficiais da marinha não faz, não vou fazer porque fico me mudando para lá e para cá, então acho que dentro das minhas possibilidades, consegui realmente, realizar se não foi da melhor forma possível, é porque trabalhei em instituições que não permitiram, tinha que me enquadrar para poder manter o meu emprego, e queria ter uma carreira, queria ter uma carreira, tinha que me segurar, digo isso por que, porque no início quando dava aula no Ari Parreiras trabalhava todos, todas as tardes de 17h30, minhas filhas tinha aula de 17h tarde, ficavam me esperando chegar até quinze pras seis, elas ficavam quase sempre quando ia pegar, quase sempre elas duas estavam no lado de fora, sozinha esperando. Então, elas se sacrificaram pouco para a mãe ter uma carreira, porque não podia contar com ninguém. E, mesmo assim diante dessas possibilidades, não desisti, e nisso tudo, meu marido na época, eu ganhava dois salários mínimos, ele dizia à mim, ele chegava à dizer para refletir se valia à pena tanto sacrifício que estava fazendo minhas filhas passarem, e dizia para ele, você não entende, não é pelo dinheiro, estou construindo uma profissão. (Textualização, professora Miriam Silva, 2022)

De tudo que já fiz na vida, só tem uma coisa que me arrependi, digo todo dia aqui aos meus filhos que foi quando fiz um concurso para professora da Universidade, para História Econômica do Brasil, quando fui fazer o meu esposo já sabia que tinha que passar um ano no interior, acho que ele falou: ah mas deixa ela fazer. Fiz e passei, fui colocada para Macau, que ele era de lá. Fui, o diretor me botou na quinta e na sexta para vir com ele, que era esposo de uma amiga minha. Meu filho que apareceu com um cansaço, cansava, era um cansaço alérgico, graças a Deus ficou bom com 8 ou 9 anos. Quando ele estava assim só queria ficar comigo, meu esposo, que não era assim, não era nada, não tinha isso aqui em casa, ele assim, criou uma certa dificuldade, dizendo que não fosse, por isso, por aquilo, assinei um termo de desistência. A única coisa que me arrependo na minha vida, foi de não ter ido,

porque tudo isso ia se arrumar nera depois, mas perdi o concurso, não fui. (Textualização, professora Dione Ferreira, 2022)

Tanto a professora Miriam quanto Dione, mesmo nunca tendo se encontrado pessoalmente, trilhando caminhos semelhantes da educação, da docência no que concerne aos aspectos do gênero feminino, ambas possuem um desejo genuíno pelo estudo e capacitação da sua profissão, sempre enfatizando que poderiam mais enquanto narravam suas histórias. Além das professoras de história do Projeto Caminhos, as professoras da educação infantil do artigo também destacaram esse importante marcador no sentido que envolve a escolha, pela docência na educação básica não como escolha inicial, como observamos na história da professora Elisângela:

Na verdade, no meu interior na minha época, não existia, nem tinha faculdade e para sair de lá, vir para Natal era uma dificuldade, geralmente só vinha quem tinha condições, ter um carro, ou pudesse morar aqui em Natal, então assim, as meninas da minha época quando terminasse o ensino médio, já tinha feito muita coisa, então não tinha muitas outras opções não, só quem tinha um pouco mais de condições financeiras era quem vinha para Natal. Então assim, não foi bem uma escolha, assim estava precisando trabalhar, e minha professora do Magistério era funcionária pública, então acho que ela viu em mim durante minhas aulas, no período do magistério talvez tivesse, é, uma dedicação, talvez tivesse jeito com as crianças então ela me indicou também, quando perguntaram, me indicou também como professora. (Textualização, professora Elisângela Paixão, 2022)

O marcador da escolha da profissão das professoras da educação infantil, originou o artigo de conclusão de curso que mostrou que inicialmente ao longo da história desse nível escolar, o magistério se mostrou um espaço de ingresso das mulheres no trabalho e “liberdade” financeira. Almeida que pesquisa a temática discute que:

No plano educacional, o século XX, ofereceu maiores oportunidades para meninas e moças. O magistério primário, como ocupação essencialmente feminina, proporcionou às mulheres, notadamente da classe média, que se alicerçou no panorama socioeconômico do país, a principal oportunidade para ingressar no mercado de trabalho. A possibilidade de aliar trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez com que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens. (ALMEIDA, 2006, pág. 97)

As dificuldades enfrentadas pelas professoras em suas trajetórias de vida, não foram identificadas nas narrativas dos professores, que demonstraram caminhos com menores desvios, com possibilidades de assessoria de mestrado, doutorado e cursos outras graduações. Inferimos, que possivelmente a liberdade dos laços de “obrigação/dever do lar” diferente das mulheres possibilitem uma maior fluidez de circulação acadêmica e profissional.

Mas o que conecta na narrativa desses onze professores e professoras de história e educação infantil, com histórias de vidas tão distintas, é as linhas da inspiração ao mestre, o ciclo do professor(a) que inspira ao aluno, que o aluno vira professor(a), em todas as narrativas, em algum momento da trajetória de vida educacional (na educação básica, médio, universidade) algum professor(a) foi fundamental para guiar esse aluno a seguir pela docência, ajudar a trilhar pelos caminhos do ensino. Um ciclo contínuo, que hoje ex-alunos, que inspiram novas gerações de alunos a serem também possíveis professores e que atuam muitos como colegas de trabalho de seus ex- professores, abaixo alguns relatos dos narradores:

[...] cursei o oitavo e o que hoje é o nono ano que é a antiga oitava série e eu só tenho lembranças do professor de matemática que chamava professor Macena, um professor bem famoso em Parnamirim-RN e foi com ele que aprendi geometria, a única parte da matemática que amo e aprendi justamente com ele, em um ano, na oitava série.

No fim desse ciclo a gente começou a conversar na família, eu e meus primos, tinha muitos primos em Natal e muitos primos em Parnamirim, sobre como é que a gente ia fazer o Ensino Médio. No caso de Parnamirim tinha três opções, nós estamos falando aqui do ano de 1992, as opções eram: ou fazia magistério no próprio Eliah Maia do Rêgo ou fazia científico, ou um curso mais técnico no Augusto Severo que na época era colégio cenicista. E o que aconteceu, sempre gostei de ensinar, a docência é uma coisa que sempre me fascinou, não especificamente ensinar História mas queria ensinar e enquanto a maioria dos meus primos optaram pelo científico e depois meu irmão foi fazer técnico em contabilidade no Augusto Severo eu resolvi fazer o magistério, a minha decisão pelo magistério foi com 14 anos de idade, já sabia que queria seguir essa carreira de professora. (Textualização, professora Andrea Regina, 2022)

não sei qual era caminho e assim que comecei a trabalhar, tinha uns professores que eram minha referências, que eram professores da escola, tinha o professor (Videncial nome não compreendido) que era professor de português, professor Jonas que foi meu professor de ensino médio de História, que também era minha referência, professora Alice, professora de geografia, professor Wilson de matemática e são esses professores que reencontro na escola, eles vão ser meus amigos de escola, meus companheiros de trabalho. Achei muito interessante isso, e assim, é tão bom quando você é acolhido. Porque não fui acolhido como estagiário, fui acolhido por eles como professor, apesar da minha falta de experiência. (Textualização professor Luciano Capistrano, 2024)

Motivações, acolhimento, inspiração, trazer aulas exploratórias, fazer o aluno se sentir parte do processo educativo, são alguns dos elementos que demonstram como os professores(as) deixam marcas na vida de muitos alunos e alunas, não somente inspirados em serem professor(a) mas em como ser em sala de aula e também como não serem em alguns casos como narrados pelos nossos professores(as) ouvidos. Goodson (2000) ensina que ouvir o que os professores tem de bagagem é um importante trabalho, que possibilita ensinar que “a vida” desses educadores reflete o seu ofício, quem melhor para falar do fazer dentro de sala

de aula e fora dele, do que os docentes, as narrativas trazidas pelos professores(as), trazem uma perspectiva essencial que como pesquisadores não podemos ignorar, o professor carrega uma dualidade entre o eu pessoal e eu profissional, que muitas vezes não consegue desligar. Sua vida se cruza com os elementos da vida profissional, seja da escolha pela profissão muitas vezes, como observamos em muitas trajetórias, familiares que foram professores, falta de opção pelo período histórico vivido e inspiração de outros professores que marcaram a vida pessoal. Depois, da escolha, como uma rio muitos caminhos seguem alguns professores seguem uma linha reta, conseguem trabalhos em escolas privadas e concursos, depois mestrados, outros, trabalham chegam a trabalhar em mais de 10 escolas para conseguir sobreviver. É no ato de ouvir que compreender um pouco o verdadeiro contexto educacional e profissional que os professores do Rio Grande do Norte, vivenciaram e ainda vivenciam. Aprendemos, assim como Portelli:

Aprendi através de Dante que a ideia de que estamos “dando voz” a quem não tem voz não faz sentido. Dante não era alguém sem voz; eu sim. Eu não sabia cantar, não tinha histórias para contar, e só podia escrever porque pessoas como Dante davam, para mim, uma voz. Eu devolvi o favor escutando e amplificando suas vozes. (PORTELLI, 2016, pág. 32)

A história oral não dar voz, ela amplifica as vozes, os professores possuem suas vozes, histórias, memórias, vivências, ideias, críticas. Através, das narrativas do ouvir os narradores professores que enquanto pesquisadores buscamos junto à eles compreender o processo formativo que tece e forma o professor, figura tão complexa e importante que está presente em inúmeras pesquisas acadêmicas, mas o que muitas vezes, a figura central é deixada de lado, quando na verdade possui inúmero elementos importantes que contribuem para a formação docente dos docentes atuantes e futuros professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de vida pessoal e profissional de onze educadores do Rio Grande do Norte, possibilitou compreender um recorte do processo formativo da construção da figura docente do educador. Podemos encontrar marcadores essenciais na trajetória de vida desses sujeitos que foram essenciais na escolha pela profissão, principalmente. Outros marcadores como o gênero, que não estava na agenda da pesquisa inicialmente, mas surgiu na trajetória de vida das professoras, e se mostrou necessário estudos, da figura das professoras principalmente na escolha dessas mulheres enquanto carreira, dificuldades de crescimento acadêmico e profissional, por questões familiares.

As narrativas dos professores, na história oral são fontes orais de pesquisa e estudos

que colaboram com um acervo para pesquisadores, professores, alunos e sociedade de forma geral que busca um olhar na formação docente e na compreensão da realidade de muitos educadores.

A pesquisa mostrou ainda as possibilidades de trabalho com a história oral, principalmente como metodologia, ao pesquisar com o outro, ouvir o outro, sentir as palavras, respeitar as pausas, os incômodos dos assuntos mais sensíveis, saber até onde pode ir, tudo isso também faz parte do processo de pesquisa, o pesquisador com o olhar e ouvidos sensíveis ao outro, afinal, o professor(a), não está abrindo apenas histórias, são memórias da infância, pessoais, sua trajetória de vida que pode ou não ser uma memória feliz. Trazendo a fala de Benjamin:

Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fica ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 2012, pág. 205)

O contar histórias era hábito comum em muitas civilizações, como traz Benjamin, transmitimos nossa história, assim nossa memória era preservada, contada para gerações, mas principalmente, para nós mesmo não esquecermos nossa identidade. Aos nossos narradores, trazemos essa possibilidade de lembrar os professores, sua identidade, seus feitos, aqueles que fizeram parte de sua história, lembrar é reviver, é formar aqueles que ouvem e estão abertos a aprender.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.S. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? **A feminização do magistério ao longo do século XX**. In: SAVIANNI, D. et al. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 60 - 107.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: Obras escolhidas I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

GOODSON, Ivor F.. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (comp.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2000. p. 63-78.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. . São Paulo: Contexto, 2015.

NÓVOA, A. Os professores e suas histórias de vida. In: NÓVOA, A.(org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 2000, p. 11-30.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

PEREIRA DE MEDEIROS PRANTO, Aliny Dayany; NASCIMENTO SULAIMAN, Samia; RABÊLO DE ALMEIDA, Juniele. Narrativas docentes para a formação inicial e continuada: a história oral no estudo das trajetórias docentes. **Revista Crítica Histórica**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 45–61, 2023. DOI: 10.28998/rchv14n28.2023.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/16286>. Acesso em: 27 out. 2024.

ENTREVISTAS

FERREIRA, Dione P. [73 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 13 abril 2021.

LOPES, Elisângela. [idade]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jocasta Andrade. Natal, RN, 2022.

MENDES, Andreia R.M . [44 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 12 abril 2021

SILVA, Denise. [idade]. [abril 2022]. Entrevistadora: Jocasta Andrade. Natal, RN, 2022.

SILVA, Miriam, S.O. [63 anos]. [março 2021].Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 17 março 2021.